

## A

*As pessoas que não estudaram a questão estão sujeitas a deixarem-se induzir em erro...*

LORD RAGLAN, *Le Tabou de l'inceste*,  
Payot, 1935, p. 145.

### 1

Amadis Dudu seguia sem convicção nenhuma pela estreita viela que representava o atalho mais longo para se chegar à paragem do autocarro 975. Todos os dias tinha de apresentar três bilhetes e meio, pois descia, com o autocarro em andamento, antes da paragem; tac-teou o bolso do colete para ver se ainda tinha algum bilhete. Tinha. Viu um pássaro empoleirado num monte de lixo, a bicar em três latas de conserva vazias, o que conseguia reproduzir o início dos «Barqueiros do Volga»; parou, mas o pássaro deu uma fífia e, furioso, levantou voo, resmungando, entre bico, umas obscenidades à pássaro. Amadis Dudu retomou o caminho, cantando o resto da música; mas deu também uma fífia e começou a praguejar.

Havia sol, não muito, mas exactamente à sua frente, e a viela, lá ao fundo, brilhava suavemente, porque a calçada estava húmida, embora não conseguisse ver o fundo da rua, que virava duas vezes, primeiro à direita, depois à esquerda. Apareciam mulheres nos patamares com seus grandes desejos flácidos, de roupões abertos

sobre uma grande falta de virtude, despejando os caixotes do lixo; todas se puseram a bater no fundo dos caixotes, em ritmo de tambor, e, como habitualmente, Amadis começou a marcar passo. Por isso é que preferia passar pela viela. Lembrava-lhe o tempo do serviço militar com os Ianques, quando comiam pinâte<sup>1</sup> amanteigado em latas de folha-de-flandres, como as do pássaro, mas maiores. O lixo caía, levantando nuvens de pó, o que lhe agradava, porque tornava o sol visível. Pela sombra da lanterna vermelha do grande seis, onde viviam polícias camuflados (era, na realidade, uma esquadra; e, para dissipar toda e qualquer dúvida, o bordel ao lado ostentava uma lanterna azul), deviam ser mais ou menos oito horas e vinte e nove. Sobrava-lhe um minuto para chegar à paragem, o que perfazia exactamente sessenta passos por segundo, mas Amadis dava cinco de quatro em quatro segundos: o cálculo, demasiado complicado, dissolveu-se-lhe na cabeça e veio a ser expulso normalmente na urina, fazendo toc ao bater na porcelana. Mas só muito mais tarde.

Havia já cinco pessoas na paragem do 975 e todas subiram para o primeiro 975 que passava, mas o condutor recusou-se a deixar subir Dudu, apesar de este lhe estender um bocado de papel que, bem analisado, provava que de facto era o sexto na bicha; porém o autocarro dispunha unicamente de cinco lugares, provando-lho ao dar quatro estoiros antes de largar. Lá se foi devagarinho, com a retaguarda a arrastar pelo chão, fazendo brotar girândolas de faíscas dos relevos redondos da calçada; para ser mais bonito, alguns motoristas juntavam-lhes pedras de isqueiro (eram sempre os motoristas do autocarro quem vinha atrás).

Parou um segundo 975 debaixo do nariz de Amadis. Vinha cheio à cunha e quase sem fôlego. Desceu uma mulher gorda e um batedor de bolos transportado por um senhor pequenino e meio-morto. Amadis Dudu fincou-se à trave vertical e estendeu o bilhete, mas o revisor deu-lhe com o alicate nos dedos.

— Saia daí! — disse-lhe.

— Mas desceram três pessoas! — protestou Amadis.

— Vinham a mais — disse o empregado num tom confidencial, piscando-lhe o olho com uma mímica deplorável.

— É mentira! — protestou Amadis.

— Não é — disse o empregado, e deu um salto altíssimo para alcançar a campainha, onde se agarrou, para logo dar meia-volta e virar o traseiro a Amadis. O motorista arrancou ao sentir a tracção do cordão cor-de-rosa que tinha preso à orelha.

Amadis olhou o relógio e disse «Buhh!» para fazer recuar a agulha, mas só a dos segundos começou a rodar ao contrário; as outras continuaram no mesmo sentido, nada mudava. Estava de pé no meio da rua e via desaparecer o 975, quando chegou um terceiro e lhe bateu em cheio no rabo com o pára-choques. Caiu e o condutor avançou, para ir postar-se precisamente por cima dele e abrir a torneira de água quente que começou a regar o pescoço de Amadis. Entretanto foram subindo as duas pessoas que tinham os números seguintes e quando Amadis se ergueu já o 975 ia longe. Tinha o pescoço todo vermelho e sentia-se encolerizadíssimo; iria certamente chegar atrasado. Foram aparecendo, entretanto, mais quatro pessoas que tiraram os respectivos números, apoiando-se na alavanca. O quinto, um rapaz bastante gordo, recebeu ainda o pequeno jacto de perfume que a companhia oferece grátis por cada cem pessoas; desandou em frente, aos urros, porque era álcool quase puro, o que, nos olhos, dói muito. Um 975 que vinha a passar em sentido contrário esmagou-o complacientemente para lhe acabar com o sofrimento; viu-se que tinha acabado de comer morangos.

Chegou um quarto autocarro com alguns lugares, e uma mulher, que ali estava há menos tempo que Amadis, estendeu o número. O revisor chamou em voz alta:

- Um milhão, quinhentos e seis mil novecentos e três!
- Eu tenho o novecentos!...
- Bem — disse o revisor —, o um e o dois?
- Eu tenho o quatro — respondeu um cavalheiro.
- Nós o cinco e o seis — disseram as outras pessoas.

Amadis já tinha subido, mas a manípula do condutor agarrou-o pelo colarinho.

- Apanhou-o no chão, hem? Desça!

O revisor encheu o peito de ar e precipitou Amadis da plataforma abaixo, atravessando-lhe o ombro esquerdo com um olhar de desprezo. Amadis deu uns saltos de dor. Subiram as quatro pessoas e o autocarro partiu todo curvado, porque se sentia um tanto envergonhado.

O quinto vinha cheio, e todos os passageiros deitaram a língua de fora a Amadis e aos outros que estavam à espera. Até o revisor es-carrou na sua direcção, mas a velocidade adquirida foi prejudicial ao escarro, que não chegou a cair no chão. Amadis tentou esmigalhá-lo em voo com uma sapatada, mas falhou. Já estava a transpirar, porque tudo, de facto, lhe causava um estado de furor indescritível e, quando perdeu o sexto e o sétimo autocarro, decidiu ir a pé. Ia tentar apanhá-lo na paragem seguinte, onde costumava sair mais gente.

Começou a andar de lado, de propósito, para que vissem que estava encolerizado. Tinha de percorrer aproximadamente quatrocentos metros e, enquanto isso, foi ultrapassado por vários outros 975 quase vazios. Quando finalmente chegou à loja verde que havia a dez metros da paragem, desembocaram, de um portão mesmo em frente, sete padres novos e doze crianças da escola com auriflamas idolátricas e fitas de cor. Dispuseram-se em volta da paragem e os padres colocaram dois lança-hóstias a servir de bateria, para que os transeuntes perdessem a vontade de esperar pelo 975. Amadis Dudu procurava lembrar-se da palavra-passe, mas do catecismo para cá já tinha decorrido uma boa porção de anos, e assim não conseguiu lembrar-se da palavra. Tentou aproximar-se, avançando às arrecuas, mas apanhou com uma hóstia enrolada nas costas, lançada com tal força que lhe cortou a respiração e o fez começar a tossir. Os padres riam e andavam numa azáfama em volta dos lança-hóstias que escarravam projecteis uns a seguir aos outros. Passaram dois 975 e os garotos ocuparam quase todos os lugares vazios. No segundo ainda havia alguns, mas um dos padres ficou no estribo para impedir Amadis de subir; e quando este se voltou para tirar um número, já seis pessoas estavam à espera: sentiu-se descoroçoado. Correu então a toda a velocidade para a paragem seguinte. Em frente, lá ao longe, podia ver a retaguarda do 975 e as chispas que levantava, e atirou-se para o chão porque o padre assestava o lança-hóstias na sua direcção. Ouviu a hóstia passar-lhe por cima com um barulho de seda queimada e rolar na valeta.

Amadis levantou-se, todo sujo. Quase hesitava em ir para o escritório num tal estado de imundície, mas que diria o relógio de ponto? Doía-lhe o costureiro direito, tentou espetar um alfinete na face para fazer passar a dor; o estudo da acupunctura nas obras do doutor

Bottine de Mourant era um dos seus passatempos; infelizmente não acertou bem com o sítio e curou, na barriga da perna, uma doença que ainda não contraíra, o que o fez atrasar-se. Quando chegou à paragem seguinte, havia ainda imensa gente, a qual formava um muro hostil em volta do contador dos bilhetes.

Amadis Dudu conservou-se a uma respeitosa distância e aproveitou esse momento de tranquilidade para tentar raciocinar paulatinamente:

— Se, por um lado, avançasse mais uma paragem, já não lhe valia a pena apanhar o autocarro, porque estaria tão atrasado que...

— Por outro lado, se recuasse, iria encontrar mais padres.

— Além disso, queria apanhar o autocarro.

Deu uma gargalhada altíssima, pois, para não precipitar as coisas, omitira expressamente um raciocínio lógico; e retomou o caminho para a paragem seguinte. Ia ainda mais de lado do que dantes, e era evidente que a cólera recrudescera.

O 975 roncou-lhe ao ouvido no momento em que alcançava o poste, onde não havia qualquer pessoa à espera; levantou o braço, tarde de mais: o motorista nem sequer o viu e passou pelo letreiro metálico carregando alegremente no pedázinho da velocidade.

— Merda! — disse Amadis Dudu.

— Sim, de facto — apoiou um cavalheiro que acabava de chegar.

— Julga que não fazem de propósito? — prosseguiu Amadis, indignado.

— Ah! Ah! — disse o homem. — Teriam feito de propósito?

— Estou convencido de que sim! — disse Amadis.

— Do fundo do coração? — perguntou o cavalheiro.

— De alma e coração.

— E era capaz de jurar?

— Apre! Irra! Com certeza! — respondeu Amadis. — Com certeza que jurava! E sabe que mais? Merda!

— Ora jure lá!

— Juro! — disse Amadis, e escarrou na mão que o cavalheiro lhe levava aos lábios para impedi-lo de falar.

— Porco! — retorquiu-lhe o cavalheiro. — Disse mal do condutor do 975. Vou multá-lo.

— Ah, sim? — disse Amadis.